



UM PRESENTIMENTO QUE SE TORNOU REALIDADE

Em julho de 1891, aos vinte e três anos de idade, Antônio Sales lançava no Teatro São Luís, representado pelo Grêmio Dramático Militar, a sua peça *A Política É a Mesma*, música do maranhense Antônio Rayol, do maranguapense Capitão Francisco Benévolo e do aluno da Escola Militar do Ceará, o carioca e flautista laureado Oscar Feital, estes dois últimos matemáticos e glórias do nosso Exército e libreto seu e de Alfredo Peixoto.

Nada mais nada menos que uma sátira ao governador José Clarindo de Queirós, general que ficaria na chefia dos destinos cearenses por apenas nove meses . . .

Na noite de estréia, aproveitando-se a data magna de 14 de julho, presentes o Governador e o Cônsul da França, Alfredo Peixoto em cena saudava, numa vibrante oração, a terra de Maupassant.

Mas, afinal, quem seria esse Alfredo Peixoto?

Um admirável poeta, primeiro-tenente da nossa Marinha, alegre, de *"paletó aberto e chapéu à banda"*, refratário às convenções sociais, um boêmio *"com o ordenado de oficial no bolso e quase nunca com a respectiva farda nas costas"*, e que durante os seis meses que permaneceu em Fortaleza só granjeara amizade, respeito e admiração entre a mocidade acadêmica da capital.

Alguns amigos e admiradores do Peixotinho, como era chamado na intimidade, entre eles Antônio Sales, Adolfo Caminha — que o evocou numa linda página de *Os Obscuros* —, Sabino Batista e Ulisses Bezerra insistiam junto ao poeta-militar que reunisse em livro suas poesias publicadas pelas colunas do Libertador. Embora resistindo inicialmente, confessando que *"a época atual não está para poesias, atravessamos um período praticamente utilitário e mercantil"*, acabou cedendo aos apelos dos companheiros e em carta a Antônio Sales, remetida do patacho Paquequer a 11 de setembro, autorizava à redação do jornal de João Lopes colher entre os seus leitores as assinaturas para a devida publicação de seu livro de estréia. E o nosso filho de Paracuru comentava: *"Agora o que é preciso é que a imensa simpatia de que goza ele*

entre nossos leitores se *corporifique* em moedas ou notas de dois mil réis — tanto quanto custa uma assinatura das *Memórias de um Náufrago*”.

Enfim, numa quarta-feira de 23 de setembro seguia o nosso Alfredo Peixoto, a bordo do Maranhão, para o Rio e o Libertador levantava “com uma sensação mesclada da profunda saudade e impertinente desgosto a notícia da inesperada partida do poeta de Loura”.

O nosso Antônio Sales recebeu dele a seguinte carta-despedida: “Meu querido Poeta. É sobre o joelho que te escrevo estas rápidas linhas participando-te que sigo impreterivelmente hoje, visto que não me foi possível adiar minha partida para o próximo paquete.

Bem podes calcular o transtorno que me causa esta viagem inesperada, tão inesperada que inda esta noite nós conversávamos despreocupadamente na Avenida, sem pensarmos que essa seria talvez a última vez que estaríamos juntos ali!

Não tenho tempo para desperdir-me de pessoa alguma, portanto aos bons amigos Abel Garcia e Valdemiro Cavalcanti, teus ilustrados colegas do Libertador; às ilustres redações do Estado do Ceará, do Cearense, do Combate e do Eco Estudantal; aos talentosos moços do Grêmio Dramático Militar, à distinta sociedade Fênix Caixeiral, aos bons amigos Sabino Batista, Ulisses Bezerra, Moura Cavalcante, Temístocles Machado; a todos os cavalheiros e Excelentíssimas Famílias com quem tive a ventura de entreter relações; ao Ceará, enfim à gloriosa Terra da Luz, um saudosíssimo adeus e os protestos de minha fervorosa e imperecível saudade.

Quanto às *Memórias de um Náufrago*, continuem vocês a agenciar as assinaturas que for possível obter, certo de que tudo que exceder à despesa da impressão debes oferecer em meu nome à Santa Casa de Misericórdia desta Capital.

E a ti, meu querido amigo, um fraternal abraço do teu para sempre
Alfredo Peixoto”.

Estávamos em Plena República e a oposição sistemática entre os dois poderes militarista e civilista chegou a tal ponto que Deodoro dissolvia o Congresso por Decreto de 3 de novembro de 1891. Tal golpe originaria o movimento de 23 do mesmo mês e ano, encabeçado pelo Almirante Custódio de Melo, a renúncia do Generalíssimo e a ascensão do Marechal Floriano à Presidência da República.

A intranqüilidade repercutiu em vários estados brasileiros, inclusive em Mato Grosso, para onde fora levado o nosso Alfredo Peixoto no encouraçado Solimões,¹ a fim de restabelecer a ordem e reconduzir aos seus postos as autoridades federais legitimamente reconhecidas.

Quis, porém, o destino que nas alturas de Castilhos, em Montevideu, esse navio naufragasse na noite de 19 de maio de 1892, levando consigo cento e vinte e cinco tripulantes, quase toda a guarnição.²

Zé Pacato pelo O Diário de Adolfo Caminha registrava:

*“Hoje (que triste presságio!)
abismam-se os corações,
no lutuoso naufrágio
do navio Solimões.*

*Enquanto, o meu Peixotinho
ao sol da Imortalidade,
abre na História o caminho
da glória a Posteridade.*

*Era preciso que o arcano
da vaga tímida e quente,
guardasse a alma dolente
daquele sol do oceano!”*

Parece que o nosso Sinhozinho — como era tratado na intimidade de seu lar — pressentia seu fim trágico. É o que nos revela a sua carta datada de 2 de maio daquele ano, escrita de Desterro, hoje Florianópolis, e endereçada a sua querida mãe, quando indagava: *“Quem sabe se voltarei e o que me acontecerá?”*³ Nessa mesma missiva dava notícias de um irmão de Adolfo Caminha,⁴ também como ele Tenente e da guarnição do Solimões, que apresentando parte de doente, ficara na capital de Santa Catarina, baixado preso ao Hospital, assim escapando do naufrágio e da morte . . .

A notícia do falecimento de Alfredo Peixoto⁵ deixara seus companheiros e admiradores inconsoláveis. Antônio Sales, Farias Brito, Álvaro Martins e Tibúrcio de Freitas prestaram-lhe derradeira homenagem, fazendo publicar uma Poliantéia com o retrato do poeta na primeira página. O Capitão-Tenente Sabino de Azeredo Coutinho, mais tarde Almirante, convidava pelos jornais os amigos e parentes das vítimas do trágico acidente para a missa solene, às oito horas, na Catedral, no sábado de 4 de junho.

Coincidência dolorosa. . . Seus versos Memórias de um Náufrago e que começavam assim:

*“A lutar, a lutar como um desesperado
eu naufraguei na vida,
em busca do ideal, assim como um ousado
mergulhador procura a pérola perdida”*

não chegaram a ser editadas porque a fantasia transformara-se em cruel realidade . . .

NÓTULAS

¹ Capitão-de-mar-e-guerra Xavier de Castro, o comandante do Solimões.

2 No ano de 1892, dois Carnavais: o do Verão, em fevereiro, e o do Inverno, a 26, 27 e 28 de junho. Neste último, os préstitos carnavalescos vieram às ruas angariando dinheiro para as famílias enlutadas.

3 "Solimões, no Desterro, 2 de maio de 1892, às 11 horas

Minha Mãe

Escrevo-lhe contrariadíssimo. Por um telegrama que passei no dia 30 do mês passado à redação de O País, já deve saber que seguimos para Mato Grosso, a fim de sufocar uma revolta, como lhe mandei dizer na minha última carta.

A força naval será comandada por um contra-almirante, que já tem secretário. Continuo nas mais íntimas e cordiais relações com o comandante do meu navio.

Provavelmente o Solimões, que é o navio-base de todas as operações, ficará em Assunção, capital do Paraguai, cidade que já conheço e onde as comunicações daí chegam com mais de mês de atraso.

Quem sabe quanto tempo durará a comissão? Quem sabe se voltarei e o que me acontecerá?

Daqui partimos hoje, à meia-noite, para Montevideu, onde nos demoraremos alguns dias para receber munições bélicas, carvão e pessoal.

Vamos apenas com dois oficiais, porque o Caminha baixou preso ao Hospital, à disposição do Ministro, pois a sua parte de doente foi considerada pelo Almirante como acintosa.

A Comissão promete ser trabalhosa, de responsabilidade e difícil, tanto assim que o governo manda lá oito navios, dos quais três encouraçados, duas canhoneiras e três torpedeiras.

Hoje no Brasil não vale a pena ser militar sem proteção, fora os encargos que pesam sobre aqueles que cumprem o seu dever e prezam a dignidade acima de tudo.

Eu de forma alguma podia recusar-me a esta Comissão e creio que a senhora está de acordo.

Porém. . . nada mais doloroso do que ser um homem obrigado a fazer fogo contra seus camaradas, seus irmãos de armas, como agora vai se dar.

Os rapazes de Mato Grosso me parecem loucos e dispostos a tudo; em todo o caso, como telegrafei a O País, de lá ou do Paraguai, mandarei notícias.

.....

Escreva-me para Montevideu com o seguinte adresse — Sr. 1.º Tenente Alfredo Peixoto — Couraçado brasileiro Solimões — Montevideu.

De lá escreverei logo que chegue. Meu pai que procure o Ministro, em meu nome, peça-lhe que ordene meu regresso, uma vez terminada a Comissão.

Eu já estive em Mato Grosso, sei o que aquilo é: terra que apodrece o corpo mais robusto e abate o espírito o mais forte.

Ao que se diz e consta, teremos que forçar três fortalezas, uma das quais com redes de torpedos vedando o passo.

Será uma verdadeira mas, bem triste luta-guerra de irmãos.

Talvez me nomeiem comandante de uma das canhoneiras que terão de forçar baterias, por ser eu inteligente (desculpe a modéstia) e corajoso.

O Caminha, coitado, preferiu ficar preso aqui a seguir.

Enfim, a coisa será como Deus quiser; sigo triste e atribulado por sua causa unicamente.

Peço-lhe e ao meu pai que tirem o retrato e mandem-m'ó ou para Montevidéu ou para Assunção.

Não se esqueçam de mim e queiram-me bem sempre, que eu o mereço.

Abraços em todos e aceite muitas saudades e o coração do filho
Sinhosinho”.

4 Abdon Caminha. Chegou a Capitão-de-corveta. Homem de letras.

5 Alfredo Peixoto era cunhado do jornalista português Eduardo Salamonde, redator de O País e de A Tribuna, uma das penas mais brilhantes da época e primo do poeta gaúcho, teatrólogo, ocultista, astrólogo e quiromante profissional Múcio Teixeira, o Barão de Ergonte.